

DIÁRIO DA ASSEMBLÉIA

Nº 197

CURITIBA, SEGUNDA-FEIRA, EM 13 DE DEZEMBRO DE 1999

ANO XXV

Mesa Diretora

NELSON JUSTUS

Presidente - PTB

CAÍTO QUINTANA

1º Vice-Presidente - PMDB

JOSÉ MARIA FERREIRA

2º Vice-Presidente - PSDB

NELSON GARCIA

3º Vice-Presidente - PFL

HERMAS BRANDÃO

1º Secretário - PTB

AUGUSTINHO ZUCCHI

2º Secretário - PPB

RENATO GAUCHO

3º Secretário - PSDB

ÂNGELO VANHONI

4º Secretário - PT

LUIZ CARLOS ZUK

5º Secretário - PDT

ABIB MIGUEL

Diretor Geral

Lideranças

<i>Líder do Governo</i>	<i>Valdir Rossoni</i>
<i>PFL</i>	<i>Plauto Miró Guimarães</i>
<i>PTB</i>	<i>Ademar Traiano</i>
<i>PMDB</i>	<i>Orlando Pessuti</i>
<i>PPB</i>	<i>Tony Garcia</i>
<i>PT</i>	<i>Péricles de Holleben Mello</i>
<i>PDT</i>	<i>Edgar Bueno</i>
<i>PSDB</i>	<i>José Maria Ferreira</i>
<i>PL</i>	<i>Pastor Edson Praczyk</i>
<i>PSB</i>	<i>Ricardo Maia</i>
<i>PSC</i>	
<i>PSL</i>	<i>Edno Guimarães</i>
<i>PST</i>	<i>Divanir Braz Palma</i>

Representação Partidária

PTB - 11: Ademar Luiz Traiano - Algaci Tulio - Beto Richa - Carlos Simões - Cezar Silvestri - Hermas Brandão - Luiz Accorsi - Nelson Justus - Ricardo Chab - Valdir Rossoni - Tiago Amorim Novaes; PFL - 08: Basílio Zanusso - Chico Noroeste - Cleiton Kielse - Durval Amaral - Elio Lino Rusch - Luiz Carlos Alborghetti - Nelson Garcia - Plauto Miró Guimarães; PSDB - 08: Albanor Gomes - Antonio Carlos Baratter - Augustinho Zucchi - Beraldin - José Maria Ferreira - Luiz Fernandes da Silva Litro - Renato Gauchó - Serafina Carrilho; PMDB - 07: Ademir Bier - Antonio Annibelli - Caíto Quintana - Edson Strapasson - Nereu Moura - Orlando Pessuti - Waldyr Pugliesi; PPB - 04: Cesar Seleme - Duílio Genari - Fernando Ribas Carli - Tony Garcia; PT - 04: Ângelo Vanhoni - Hermes Fonseca - Irineu Colombo (licenciado) - Luciana Rafagnin - Péricles de H. Mello; PDT - 03: Edgar Bueno - Luiz Carlos Zuk - Moysés Leônidas; PST - 02: Divanir Braz Palma - Hidekazu Takayama; PSB - 02: Antonio Carlos Belinati - Ricardo Maia; BLOCO PARLAMENTAR - PSL/PL/ PSC - 05: Edno Guimarães - Pastor Edson Praczyk - Geraldo Cartário - Luiz Carlos Martins - Miltinho Puppio.

**1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA
14ª LEGISLATURA
ATA DA SESSÃO ESPECIAL
REALIZADA EM
13 DE DEZEMBRO DE 1999**

(segunda-feira)

Presidência do Senhor Deputado Caíto Quintana, secretariada pelos Senhores Deputados Hermas Brandão e Luiz Carlos Alborghetti.

Às quinze horas e cinquenta minutos é registrada a presença dos seguintes Senhores Deputados: Caíto Quintana, José Maria Ferreira, Nelson Garcia, Hermas Brandão, Augustinho Zucchi, Renato Gaucho, Ângelo Vanhoni, Luiz Carlos Zuk, Ademar Traiano, Ademir Bier, Albanor Gomes, Algaci Tulio, Antonio Carlos Baratter, Antonio Carlos Belinati, Antonio Annibelli, Basílio Zanusso, Beraldin, Beto Richa, Carlos Simões, Cesar Seleme, Cezar Silvestri, Chico Noroeste, Cleiton Kielse, Divanir Braz Palma, Duílio Genari, Durval Amaral, Edgar Bueno, Edno Guimarães, Edson Strapasson, Elio Lino Rusch, Fernando Ribas Carli, Geraldo Cartário, Hermes Fonseca, Hidekazu Takayama, Luciana Rafagnin, Luiz Accorsi, Luiz Carlos Alborghetti, Luiz Carlos Martins, Luiz Fernandes Silva Litro, Miltinho Puppio, Moysés Leônidas de Oliveira, Nereu Moura, Orlando Pessuti, Pastor Edson Praczyk, Péricles Mello, Plauto Miró Guimarães, Ricardo Chab, Ricardo Maia, Serafina Carrilho, Tiago Amorim Novaes, Tony Garcia, Valdir Rossoni e Waldyr Pugliesi (53). Em licença o Senhor Deputado Nelson Justus (01).

O SR. PRESIDENTE (Caíto Quintana)

Sob a proteção de Deus, declaro aberta a presente Sessão Especial, requerida e aprovada por este Plenário, e para as palavras em nome deste Poder, usará da tribuna o proponente da homenagem, Deputado Edgar Bueno.

O SR. EDGAR BUENO

(Lê):

**“HOMENAGEM AO SENADOR
ABILON DE SOUZA NAVES**

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados.

Hoje é, sem dúvida, um dia especial para a história do Paraná. Estamos reunidos especialmente para reverenciar a memória do grande brasileiro, do inestimável homem público, da referência maior que tivemos no trabalho paranaense: o Senador Abilon de Souza Naves.

Quarenta anos se passaram daquele dia 12 de dezembro de 1959, quando, por obra e força do destino, Souza Naves viu-se diante da fatalidade que o surpreendeu e transformou seu discurso de agradecimento, pela honra de estar sendo homenageado, na mensagem final e

de despedida diante de amigos e correligionários. Transformou a incomparável emoção que devia estar sentindo, naquele momento, numa das mais elevadas comoções vividas pela política paranaense. Um episódio, aliás, testemunhado por homens públicos que igualmente enaltecem este Parlamento com suas presenças: temos aqui Léo de Almeida Neves, Silvio Sebastiani, entre outros companheiros que viveram aquele triste evento.

Assim partiu o Senador Souza Naves, deixando as virtudes e os exemplos do político de notável desenvoltura no cenário político nacional, que, como disse lamentando o Presidente do PDT, Nilton Friedrich, “defendia o nacionalismo e o verdadeiro desenvolvimento do Brasil, elevando valores hoje afrontados pelas ações espoliativas e excludentes dos governantes que temos”.

Os homens passam mas as idéias ficam: esta é uma verdade cada vez mais presente nos sentimentos dos verdadeiros políticos. Uma afirmação - e, porque não dizer, convicção - que buscamos valorizar em nossas ações, porque ficarão como ficaram as boas idéias e os bons exemplos. É neste sentido que estamos rendendo homenagens póstumas a Abilon de Souza Naves, porque ele marcou sua conduta em prol dos interesses nacionais, populares e democráticos, atuando com exemplar firmeza ética e sendo fiel ao trabalhismo de Getúlio Vargas, João Goulart e Leonel Brizola.

Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados: nesta homenagem proporcionada por nossa iniciativa e pela compreensão de Vossas Excelências, só poderíamos recomendar mesmo uma saudação pelas palavras de Léo de Almeida Neves, homem de grandeza política comparável à de Souza Naves, que fala com conhecimento de causa porque viveu aqueles períodos de glórias e incertezas do trabalhismo, tendo sido inclusive o auxiliar direto do inesquecível Senador.

Foi recorrendo o seu livro “Destino do Brasil: Potência Mundial - A Era Vargas Continua” que nos convencemos da apresentação desta homenagem. Nele, o ex-Deputado Léo de Almeida Neves conta fatos muito interessantes da política paranaense e brasileira. A respeito do homenageado, passamos os últimos dias procurando repercutir na imprensa e deixaremos de comentar nesta oportunidade, mesmo porque é o próprio autor do livro que nos contará.

Léo de Almeida expressa no seu livro, em um pronunciamento seu em 1993, um histórico sobre os partidos políticos.

O movimento militar de 1964 cassou mandatos, suspendeu direitos políticos, limitou os poderes do Congresso e do Judiciário e cometeu seu maior erro ao extinguir, pelo Ato Institucional nº 2, todos os partidos políticos, em fins de 1965, logo após a eleição direta para governador vencida pela oposição no Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Social Democrático (PSD), União Democrática Nacional (UDN), Partido Democrata Cristão (PDC) e Partido

Social Progressista (PSP) tinham razoável organização, conceitos ideológicos distintos, militância engajada e tendiam a aprimorar-se com a continuidade da prática democrática.

Para efeito externo, a Revolução manteve o Congresso aberto, ainda que mutilado, e permitiu dois partidos: Aliança Renovadora Nacional (ARENA), de apoio ao governo, e Movimento Democrático Brasileiro (MDB) para fazer oposição consentida.”

São vários os assuntos que Léo Almeida Neves tem publicado no seu livro *Destino do Brasil: Potência Mundial*.

Mas, vamos, então, passar a palavra ao ex-Deputado Léo de Almeida Neves, antes, porém, ressaltando aqui a presença de algumas autoridades: o Vereador Jorge Bernardi - PDT, Zonais - PDT, Juventude Socialista do PDT, o ex-Deputado Luiz Claudio Romanelli - PMDB, Leon Naves Barcelos - ex-Deputado do PDT, cassado em 1964 e sobrinho do Senador Souza Naves.

Nossos agradecimentos especiais, então, a todas as autoridades que se fazem presentes nesta solenidade, e eu, com a autorização da Presidência, chamo o ex-Deputado Léo de Almeida Neves para que faça essa justa homenagem.

O SR. PRESIDENTE (Caíto Quintana)

Esta Presidência, apenas devido à mudança do horário, do procedimento, agiu com rapidez na convocação, mas quer corrigir um equívoco, se me permite, Deputado Edgar Bueno, e convidar para compor a Mesa, representando familiares do homenageado, o seu sobrinho, ex-Deputado Estadual - Leon Naves Barcelos, para compor a Mesa; e da mesma forma, em nome de todos os demais convidados, amigos e conhecedores da política do Paraná, gostaríamos de convidar também para compor a Mesa o jornalista Sílvio Sebastiani.

Com a palavra, neste instante, o Dr. Léo de Almeida Neves.

O SR. LÉO DE ALMEIDA NEVES

Senhor Presidente Caíto Quintana, Senhor Secretário Hermas Brandão, Senhor Secretário Luiz Carlos Alborghetti, eminentes deputados que dirigem a Mesa Diretiva desta Casa. Meu amigo e ex-Deputado Estadual Leon Naves Barcelos; meu amigo e ex-presidente do MDB de Curitiba, figura de realce do PMDB do Paraná Sílvio Sebastiani; eminente Deputado Edgar Bueno que requereu, com aprovação unânime desta Casa, a realização desta Sessão, Senhores Deputados Estaduais. Uma referência especial ao Walmor Stédile, meu antigo companheiro de lutas políticas Senhores e Senhoras que comparecem a esta Sessão.

Se Abilon de Souza Naves estivesse nesta tribuna, iniciaria seu discurso lembrando que hoje faz 31 anos em que foi editado em 13 de dezembro de 1968 o famigerado Ato Institucional nº 05, que aprofundou o regime discricionário em nosso País. A partir de cuja data as vio-

lências, as cassações, os exílios, as torturas, se incrementaram.

Esta Casa mesmo sofreu diversas cassações. E, eu ressaltaria, entre outras, duas grandes injustiças: a do Deputado Leon Naves Barcelos, que aqui está. Deputado Atuante, inteligente, advogado competente, uma linha democrática nacionalista mas defensor ardoroso da democracia. Sobrinho de Abilon de Souza Naves que teve seu mandato cassado pelo AI5, como Jacinto Simões que representava o Sudoeste.

E, quero também relembrar à Casa que aquele político paranaense que dá nome a este recinto, a esta Casa, também foi uma das vítimas do AI5 que cassava pela Voz do Brasil, sem dar direito de defesa, sem dar conhecimento ao político do que ia acontecer. Refiro-me à injustiça cassação do saudoso e querido Deputado Anibal Khury, a quem presto neste momento a minha homenagem pelas realizações que fez a favor da democracia no Paraná.

Então, Souza Naves assim procederia. E, peço licença à Casa nesta Sessão Especial e não poderia deixar de fazê-lo porque sei que Souza Naves o faria, de profligar com a veemência necessária, este Ato Institucional nº 5 que causou deletérios, efeitos e prejuízos inomináveis à democracia brasileira.

Ontem, 12 de dezembro, fez 40 anos de falecimento de Abilon de Souza Naves. Todos os municípios paranaenses daquela época tem avenidas, ruas, praças, logradouros públicos e com o nome de Abilon de Souza Naves. Por quê? Porque era merecedor da estima e da saudade e admiração de todo o povo paranaense.

Souza Naves militou na política do Paraná fortemente na década de 50. Foi Presidente do PTB, do artigo PTB do Paraná, vice-Presidente do PTB no âmbito nacional, exercendo por muitas vezes a Presidência do partido.

E ele pôde na direção nacional do trabalhismo emprestar seu apoio a medidas nacionalistas e de interesse nacional que se praticava na época, com a gloriosa luta para a criação da PETROBRÁS que se tornou realidade em três de outubro de 1953. Como o anúncio da criação da ELETROBRÁS que foi feito aqui em Curitiba pelo Presidente Vargas, por ocasião das festividades do primeiro centenário do Paraná, ao lado do inominável Governador Bento Munhoz da Rocha Netto. Souza Naves pôde participar da criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, do Banco do Nordeste, da legislação de defesa do capital nacional e de controle das remessas exageradas de capital estrangeiro, da luta em favor do trabalhador brasileiro. Foi uma época de heroísmo, de civismo exacerbado em nosso País. No Paraná Souza Naves foi o primeiro titular da Secretaria do Trabalho e Assistência Social, criada no Governo do ilustre e sempre lembrado governador Bento Munhoz da Rocha Netto. Após, foi Presidente da Caixa Econômica Federal do Paraná, depois Presidente para todo o País do Instituto de Previdência e Assistência aos Servidores do Estado, o IPASE que era o instituto que congregava os servidores

públicos, numa época em que os institutos eram setorizados por categorias profissionais, o IAPI, o IAPC, o IAPTEC, o IAPFESP, o Instituto dos Marítimos, enfim, cada categoria profissional, o agrupamento de categoria tinha o seu instituto e Souza Naves presidiu o IPASE, inclusive construindo aqui em Curitiba, a sede regional desta autarquia. Souza Naves era um homem que sabia medir as conveniências políticas. com o falecimento, o suicídio de Vargas em 24 de agosto de 1954, Souza Naves que já era naquela época lembrado como candidato a Governador, entendeu numa autocrítica competente e sincera que não era a sua vez a eleição governador em 1955, embora todo o partido quisesse desde o meu antigo companheiro Antonio Annibelli a quem presto a minha homenagem, amigo, Deputado, foi Governador do Paraná, cujo filho honra esta Casa, que é o Deputado Antonio Annibelli, o PTB, inteiro queria a candidatura de Souza Naves, mas Souza Naves percebendo que aquele momento não era oportuno soube prescindir da sua candidatura, renunciar a sua candidatura e o PTB lançou o Dr. Mário de Barros, médico ilustre que disputou e fez segundo lugar, não venceu a eleição.

Souza Naves queria se dedicar na época não só ao PTB do Paraná, mas o PTB nacional, porque abalado pelo suicídio de Vargas, pela sua derrota como candidato ao Senado no Rio Grande do Sul, nas eleições de outubro de 1964, João Goulart não foi eleito Senador pelo Rio Grande do Sul. Houve ainda um outro episódio com o administrador de suas fazendas, em Porto Alegre, numa discussão política com os adversários, foi morto, foi assassinado a tiros João Goulart desgostoso retirou-se para o Uruguai e estava realmente desinteressado da atividade pública, política. Souza Naves antes disto costurou a aliança com o PST, Partido Social Democrático em torno de Juscelino K. de Oliveira, fez todos os contatos, todos os entendimentos, cimentou alianças com as candidaturas de Juscelino e Jango para o vice e daí foi ao Uruguai e trouxe João Goulart de volta para o Brasil e João Goulart assumiu a candidatura e foi eleito vice de Juscelino depois vice de Jânio, depois Presidente da República.

Aliás. é curioso que João Goulart por duas vezes quis afastar-se da vida pública, primeiro nesse episódio que eu acabei de relembrar, e depois quando terminou o mandato de Juscelino Kubitschek, porque o nome dele, João Goulart, era lembrado como candidato para Presidente da República, mas havia um veto já naquela ocasião do clube militar. E eu, em dezembro de 1959, após o falecimento de Souza Naves, fui a São Borja no último dia do ano, foi uma conversa política, levando inclusive o relatório sobre a situação militar, mandado pelo professor Francisco Clementino Santiago Dantas, e nessa ocasião João Goulart me disse que não seria candidato a Vice-Presidente, como vice do Marechal Teixeira Lott, porque ele queria dedicar-se à família, já tinha feito um esforço muito grande, ficaria no Partido coordenando a atividade política, mas não gostaria de ser candidato a

vice. eu então disse a ele: “Mas o nosso Partido não tem outro candidato” E ele me disse: “Tem sim, o Doutor Osvaldo Aranha”. Mas eu disse: “Mas o Doutor Osvaldo Aranha tem dito sempre que não quer ser candidato a vice, não aceita ser candidato a vice, só aceita ser candidato a Presidente da República. E o João Goulart me disse, no dia 31 de dezembro de 1959 em São Borja: “Eu tenho um argumento com o qual eu vou convencer o Doutor Osvaldo a ser vice o Marechal Teixeira Lott, é que ninguém tira essa eleição do Jânio Quadros, mas o Jânio Quadros com o seu temperamento, com o seu gênio explosivo não fica um ano na Presidência da República, e o Doutor Osvaldo vai ser Presidente da República”. Vejam a percuciência do João Goulart.

Realmente ele depois foi ao Rio no início do ano e foi lançado o Osvaldo Aranha como vice. Mas num célebre jantar no Hotel Glória no Rio de Janeiro em homenagem ao Homem Visão do ano, que era o Almirante Lúcio Meira, que tinha sido presidente, dirigente do GEIA - Grupo Executivo da Indústria Automobilística, e foi escolhido o Homem de Visão. Neste jantar estava o vice-Presidente João Goulart, o Marechal Teixeira Lott, e outras personalidades, veio às 10:00 horas um telefonema, o João Goulart que atendeu o telefone, e voltando à mesa disse ao Marechal, o seu vice acaba de falecer”. O Osvaldo Aranha tinha tido um enfarto fulminante, havia falecido e depois Jango foi candidato a vice, e vocês conhecem a história, se elegeu o Jânio Quadros, Presidente, e houve a renúncia do Jânio e ele foi Presidente da República.

Mas Souza Naves então foi o responsável pelo retorno de João Goulart e pela candidatura dele a vice, de Juscelino Kubitschek. eleito, Juscelino convidou Souza Naves para diretor da CREA, do Banco do Brasil, CREA, Carteira Agrícola Industrial do Banco do Brasil, que havia sido criado por Getúlio Vargas, em 1938, tendo por oito anos como titular desta carteira o Doutor José Loureiro da Silva, que veio a ser depois Prefeito eleito de Porto Alegre.

Na época era um grande instrumento de financiamento a juros baixos e prazos longos de toda a economia brasileira agrícola e industrial, principalmente para pequena e média indústrias. E Souza Naves fez um trabalho admirável a nível de Brasil e principalmente no Paraná, porque as lavouras cafeeiras do Paraná, tinham sido dizimadas pelo fenômeno climático das geadas nos anos de 1953, repetindo-se no ano de 1955. E Souza Naves assumindo em 56, um ano depois da grande geada, a CREA do Banco do Brasil, financiou a recuperação das lavouras geadas, deu prazo até que os cafezais se recuperassem para que os cafeicultores pudessem passar esse período.

E assim, a lavoura cafeeira do Paraná voltou ao seu esplendor, completado mais tarde, quando Souza Naves foi Senador, em que ele aprovou no Senado a famosa lei do “Café/ Geada”, dando ainda mais prazo para os devedores do Banco do Brasil. E assim o Paraná tornou-se o

principal Estado cafeeiro do Brasil, chegando a produzir a partir de 1959, 1960, 1961, 1962, vinte e dois milhões de saca de café, que correspondia a produção cafeeira de todo o País. Não foi só na lavoura cafeeira, Souza Naves estimulou outras atividades agrícolas no Paraná. Financiou a construção de moinhos nas zonas produtoras, agroindústrias, talvez, não tivesse, naquela época, uma indústria no Paraná, que não tivesse tido o apoio de Souza Naves. Porque Souza Naves procurava as indústrias, dava ensejo a que se pleiteasse financiamentos. Ele abriu o seu gabinete no Banco do Brasil, para permitir esse apoio à indústria e à lavoura do Paraná, principalmente, da cafeicultura, que na época era a maior expressão econômica do Estado.

Graças à sua atuação na criação do Banco do Brasil, ele granjeou enorme prestígio no Paraná inteiro, porque na atividade partidária também era incansável. Souza Naves, todos os finais de semana, percorria o Paraná, Curitiba e o interior do Estado, fazendo reuniões com as classes produtoras, com os seus correligionários e com o partido. Participava em todas as eleições municipais. Terminando a eleição municipal, ele tinha disposição física para ir a cada município, de novo. Sabem quem visitava primeiro o Souza Naves? Ele ia primeiro visitar e dar um abraço nos derrotados, nos candidatos do seu partido, que tinham perdido a eleição. Depois, ele ia visitar os municípios, onde o partido tinha vencido o pleito. Dessa maneira Souza Naves era um homem que não perdia companheiros. Ele fundamentalmente um agregador. Ele somava; não subtraía. Ele trazia novos correligionários para o partido. Aqueles que eram derrotados, com a assistência pessoal, ele primeiro mandava a sua mensagem para Deputados Estaduais e Federais, para os que perderam as eleições, depois ia cumprimentar os vitoriosos.

Ele não era um homem de briga pessoal, de atacar as pessoas diretamente. Ele combatia teses e causas, mas não gostava do ataque frontal e pessoal. Por isso, ele granjeava amizades em todos os partidos, não só do Paraná, como a nível nacional.

Na eleição que o levou ao Senado, em 1958, Souza Naves deu algumas manobras no xadrez político, realmente admiráveis. Em primeiro lugar, aqui em Curitiba, o primeiro prefeito eleito depois que Curitiba reconquistou a autonomia, foi o então Major Ney Aminthas Braga, que por ser o primeiro prefeito eleito com mandato completo e graças às suas qualidades fez um excelente trabalho na prefeitura. Ele era um homem que tinha muito prestígio em Curitiba e havia a sua sucessão em 1950. Souza Naves trouxe para o partido o engenheiro militar, que havia servido na construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, que tinha sido diretor da Rede Viação Paraná-Santa Catarina, que fez um trabalho admirável e cativou os ferroviários do Estado, que era o General Iberê de Mattos.

Souza Naves, então, convidou o Iberê de Mattos para integrar o PTB e ser candidato a prefeito. Ele entrou

no PTB, foi candidato e derrotou o candidato do Ney Braga, que na época, como depois mais tarde, era uma grande força político-eleitoral, aqui em Curitiba.

Neste mesmo pleito, Souza Naves teve um outro gesto inusitado: governava São Paulo Jânio Quadros...

O Sr. Cezar Silvestri

Pediria ao Deputado Léo de Almeida Neves - não sei se o Regimento permite, Deputado Caíto Quintana, mas gostaria se fosse possível dar um aparte, um testemunho, do que o Deputado Léo de Almeida Neves está nos falando.

(Assentimento)

Deputado Léo de Almeida Neves, sou Cezar Silvestri, filho do Moacir Júlio Silvestri, que foi seu companheiro de partido, o PTB. Ele iniciou sua vida pública exatamente pelas mãos de Léo de Almeida Neves. Meu pai, naquela ocasião, em 1958, era presidente da Associação Comercial de Guarapuava, e tinha um contato muito grande, na época, Souza Naves, como Diretor do Banco do Brasil. Era um relacionamento comercial.

O que impressionava a todos era o fato de Souza Naves não ser político e ter uma habilidade e uma capacidade de liderança muito grande, tanto que o meu pai sempre nos confidenciou que ele relutou, por todos os motivos e, inclusive, os seus sócios, ele presidia dezessete empresas em Guarapuava, então, todos os seus sócios não queriam entrar na vida pública, mas graças ao poder de liderança de Souza Naves e graças ao seu poder, realmente, de persuasão e ao seu idealismo, ele acabou iniciando a sua vida pública. Logo depois veio a ser Deputado Estadual e inclusive foi eleito o Deputado Estadual mais votado do Paraná.

E aproveitar esta oportunidade, também, para fazer uma saudação especial à sua esposa, que faz parte da história política do Estado do Paraná. Ouvi, em casa, Deputado Léo de Almeida Neves, talvez Vossa Excelência não saiba, sempre ouvi por parte do meu pai a admiração que ele tinha por alguns homens públicos, com certeza o senhor deve lembrar, um deles era Getúlio Vargas, o outro era Leonel Brizola, e entre estes nomes estava sempre o nome de Souza Naves, que deu início à sua vida pública e Léo de Almeida Neves, um dos Deputados que sempre respeitou, sempre admirou e que realmente contribuíram, e muito, para o Estado do Paraná.

Parabéns pela iniciativa, Deputado Edgar Bueno, peço desculpas por ter interrompido o seu pronunciamento, mas achei que este testemunho seria importante e contribuiria para todos que estão aqui presentes.

O SR. LÉO DE ALMEIDA NEVES

Agradeço a manifestação do Deputado Silvestri e realmente para mim foi muito agradável ouvi-lo e lembrar Moacir Silvestri, seu pai, meu grande amigo, correligionário nosso, do antigo PTB, e em cuja campanha eleitoral para Prefeito de Guarapuava, tive uma participação importante, acredito, pois aquele cargo que Souza

Naves ocupou e tanto abrilhantou, que foi Diretor do Banco do Brasil, vim a ocupar no Governo João Goulart, de 61 a 64. E realmente o Banco do Brasil, daquela época, era o único estabelecimento que dava apoio creditício à agricultura e à pequena indústria, então o titular dessa função, principalmente se soubesse exercê-la bem, grangeava prestígio, naturalmente.. E eu, na ocasião tinha um razoável prestígio e pude comparecer num comício memorável que se realizou em Guarapuava em 1963, na eleição de Moacir Silvestri, vitoriosa, à Prefeitura de Guarapuava. Depois sempre tivemos uma sólida amizade e muito me dignifica e foi bom ouvir o seu filho dar o seu depoimento aqui.

Mas, retomando, meus senhores, minhas senhoras, eu lembrava outra atitude política inteligente, de Souza Naves, no pleito de 58. Governava São Paulo, Jânio QSE, cimentou uma amizade forte com Jânio Quadros que se elegera Prefeito de São Paulo, e depois Governador. E Jânio Quadros, que era um temperamento difícil, realmente, todos sabem, tinha por Souza Naves muito respeito, muita amizade. E Souza Naves foi a São Paulo convidar Jânio Quadros para candidato a Deputado Federal, pelo PTB, do Paraná. Jânio Quadros respondeu: Mas eu não posso, sou Governador de São Paulo e não vou me licenciar, quero eleger Carvalho Pinto, Governador de São Paulo.. Era o candidato dele. Mas Souza Naves disse: Deixe comigo que eu vou resolver o problema, só aceite a candidatura. E assim aconteceu, houve a convenção do PTB, Jânio integrou a chapa de Deputados Federais, foi pedido o registro na Justiça Eleitoral, Jânio assinou a documentação. Eu, inclusive fui a São Paulo pegar o seu assentimento, a sua documentação, eu era Secretário Geral do PTB do Paraná, na época. E Souza Naves, ele próprio, arquitetou um recurso contra o registro da candidatura do Jânio. Jânio foi registrado, mas Souza Naves pegou, se não me engano era Maravilhas o nome dele, que era o Presidente do PRT e disse: Olha, você vai entrar com recurso contra o registro do Jânio. E este partido entrou com o recurso. Daí o Tribunal do Paraná, por unanimidade, confirmou o registro da candidatura do Jânio Quadros. Este mesmo partido fez outro recurso contra o Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília e novamente os advogados do Partido conseguiram o registro definitivo. Transitou em julgado a escolha de Jânio Quadros como candidato a Deputado Federal, no Paraná.

Isto ensinou, esta atitude de Souza Naves, que o Leonel de Moura Brizola, que era Governador do Rio Grande do Sul, se candidatasse a Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, sem deixar o cargo. O importante era não precisar renunciar. Por exemplo aqui no Paraná, se o Governador quisesse ser candidato a senador, terá que renunciar o mandato.

Na ocasião se conseguiu que o Brizola fosse candidato no Rio de Janeiro continuando Governador do Rio Grande do Sul, e o Jânio pelo Paraná, continuando Governador de São Paulo.

Como todos sabem o Brizola obteve a maior votação percentual da história política do Rio de Janeiro. Fez uma votação consagradora e isso permitiu mais tarde, após exílio, cassação, ser governador do Rio de Janeiro repetir por mais de uma vez o seu mandato.

Mas Jânio disputou pelo Paraná, Não veio fazer campanha só fez um comício na Boca Maldita, com Iberê de Matos e Souza Naves. Jânio Quadros foi o Deputado Federal mais votado do Paraná. Isso permitiu a ele que, na transição entre governador e a eleição de Presidente da República, ficasse com o mandato. Com imunidade parlamentar e com mandato. Enfim, dentro da política. Sem isso jamais Jânio seria Presidente da República, porque ele era um homem que não sabia conviver com os partidos políticos. Ele não teria nem legenda para ser candidato a Presidente da República. Com aquilo conseguiu formar uma coligação forte e se elegeu Presidente da República.

E aqui no Paraná, como foi a eleição de Souza Neves? Eram seus adversários José Munhoz de Mello ex-Presidente do Tribunal de Justiça do Paraná, ex-Deputado Constituinte, advogado brilhante, professor de direito constitucional da UFPR. Homem correto, caráter ilibado. Candidato do Partido Social Democrático que tinha governador na época Moisés Lupion.

Quem era o outro candidato da União Democrática Nacional? Coronel Francisco de Paula Soares Neto ex-secretário da Fazenda do Paraná. Um homem de uma correção admirável. Honestidade reconhecida unanimemente. Patriota, idealista. Pois bem, embora disputando com adversários desse gabarito, Souza Naves fez mais que o dobro da votação dos dois somados. E se elegeu consagradoramente para o Senado Federal.

A eleição de Souza Naves para Governador do Paraná, sua marcha era inexorável. O Paraná inteiro sabia que Souza Naves seria o Governador do Paraná. Até que ocorreu o jantar na Sociedade Morgenau. Ele recebeu uma homenagem dos seus ex-colegas, funcionários do antigo IAPC - Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes. E, após o jantar, após os discursos, teve um infarto fulminante. Faleceu no próprio local.

O seu funeral no dia seguinte foi a maior manifestação de presença pública em Curitiba. Vieram personalidades nacionais e as paranaenses todas para homenageá-lo.

Houve uma cena interessantíssima até. O Jânio chegou esbaforido, E o João Goulart já estava ao lado do caixão. Então o Jânio Quadros se aproximou do outro lado, prestou as homenagens e depois agarrou, por baixo do caixão, a mão do João Goulart. Ele estava tentando cativar João Goulart para a candidatura dele para Presidente da República que seria no ano seguinte. E ele ainda tinha esperança de ser candidato pelo próprio PTB. Foi uma cena inusitada.

Enfim, essa morte de Souza Naves, esse falecimento prematuro aos 54 anos, jovem, com muita energia,

com muita disposição. Essa morte, como disse no meu livro, mudou os destinos do Paraná.

Ney Braga, que era amigo de Souza Naves, ficou o tempo todo consolando os companheiros do PTB.

Até o PTB decidir lançar candidatos, porque o PTB ficou numa indecisão se lançava o General Iberê de Matos que era Prefeito, ou lançava o Deputado Amauri de Oliveira e Silva, que era o Líder da Bancada Estadual, se lançava o Nelson Maculan, que era o suplente de Souza Naves no Senado, ex-Vereador da UDN, Presidente da Rural de Londrina ou se lançava Antonio Annibelli.

Enfim o PTB ficou perplexo e durante essa perplexidade os outros candidatos, notadamente o Ney Braga percorreram o Paraná e foram conquistando apoios e acabou elegendo-se o Ney Braga, nesse vácuo criado pela morte de Souza Naves, que mudou os destinos da política do Paraná. Permitiu que o Ney Braga fosse eleito Governador e tivesse essa brilhante correria política que teve, como Ministro duas ou três vezes, como Governador novamente se destacasse como realmente um político paranaense, talvez mais importante, que pela ocupação de cargos aonde ele se desempenhou com muito acerto.

Mas, lá no âmbito nacional, a morte de Souza Naves separou o Jânio de João Goulart, porque certamente ele poderia talvez uní-los para a sucessão presidencial.

O Jânio se candidatou de um lado, e o João Goulart se candidatou como vice do Marechal Teixeira Lott.

Como João Goulart tinha profetizado lá em São Borja, em 31 de dezembro de 1959, o Jânio se elegeu e ninguém tirava a eleição do Jânio. Mas o vice da outra chapa se elegeu. Jânio tinha dois candidatos a vice, tinha o Fernando Ferrari que era um dissidente do PTB, Milton Campos que era uma figura admirável da UDN de Minas Gerais, que tinha sido governador. Dividiram porque naquela época, é importante falar, o voto para Presidente era direto. O vice-presidente não era eleito automaticamente como o Presidente. O vice-presidente batia a chapa, tinha ser eleito pelo povo. O João Goulart então com a divisão que houve nas costas do Jânio, se elegeu. Inclusive até ele proferiu uma frase certa ocasião, dizendo o seguinte: “quem com Ferrari fere, com Ferrari será ferido”.

Porque na verdade, a Oposição Liberal da época fumentou a candidatura do Ferrari para dividir o PTB e, acabou favorecendo a candidatura do João Goulart que se elegeu vice-presidente.

Se o Souza Naves fosse Governador do Paraná, e o Jânio Quadros, Presidente da República, pelo relacionamento entre os dois e pelo respeito que o Jânio tinha pelo Souza Naves. Inclusive com aquela famosa jogada política da escolha do Jânio para Deputado Federal pelo Paraná, que foi o que realmente permitiu a eleição do Jânio. Tenho convicção que antes de ele praticar aquele tresloucado ato da renúncia, ouviria Souza Naves.

Souza Naves jamais deixaria Jânio renunciar, e o Brasil ficaria livre do Regime Militar, do AI-5, que se comemora hoje, 31 anos. Me esqueci de dizer, que o Deputado Federal mais votado do MDB do Paraná na eleição de 1966, e virtual candidato a Governador na ocasião pelo MDB, que era eu, Léo de Almeida Neves, também fui cassado pelo AI-5. Também fui cassado, contemplado, condecorado, distinguido pela cassação no dia 13 de março de 1969. O AI-5 é de 13 de dezembro de 1968.

Enfim, a morte de Souza Naves se não tivesse ocorrido, o Paraná teria tido outro rumo político. Não que o Ney Braga tivesse credenciais próprias para ter uma brilhante carreira, certamente teria, mas não se elegeria Governador naquele pleito. A nível nacional, o Jânio Quadros, mas certamente não renunciaria.

Jânio não renunciando, não teríamos a Ditadura Militar, não teríamos esse ato de 20 anos, nas liberdades democráticas no Brasil. Teria sido muito melhor, porque certamente outros, Juscelino Kubistchek, que foi um grande Presidente, poderia retornar ao Poder e fazer um grande governo.

Enfim o Brasil não estaria sofrendo as agruras que sofre hoje com esse excesso de neoliberalismo e com essa minimização dos ideais nacionalistas que lamentavelmente está ocorrendo neste país.

Só para lembrar, o problema da privatização das telecomunicações. Primeiro se aumentam as tarifas, depois se faz uma lei dizendo que o ágio que for pago acima do preço mínimo fixado pelo governo, as empresas podem descontar do Imposto de Renda dos lucros futuros e mais, se dá o dinheiro através do BNDES a juros subsidiados. Getúlio criou o BNDES para proteger, favorecer, beneficiar a indústria brasileira e não empresas multinacionais poderosas em um processo de privatização.

É lamentável que isso esteja ocorrendo em nossos dias. Agora é a Vale do Rio Doce, a CSN; o mesmo dono dos dois, um advogado de empresa belga que certamente o capital estrangeiro vai dominar a CSN e o Brasil padece desse processo de desnacionalização que não teria ocorrido, certamente, se a diretriz política do Brasil democrático tivesse tomado outro rumo, sem a morte prematura de Souza Naves. Morreu antes do tempo. Morreu com 54 anos e poderia ter ido até os 70 com um futuro político brilhante.

Acho que era mais ou menos isso o que queria dizer à Assembléia Legislativa do Paraná nesta oportunidade, agradecendo e enaltecendo a iniciativa do Deputado Edgar Bueno que teve o respaldo e o apoio unânime da Casa, ao Presidente Caíto Quintana, aos demais membros da Mesa pela realização dessa solenidade e concluo dizendo que foi muito bom ter lembrado hoje o nome de Souza Naves. Creio que muitos municípios do Paraná realizaram sessões iguais a essa, porque o jeito de fazer política de Souza Naves - quando alguém o agredia violentamente, ele dizia: “Olhe, não dê uma repulsa forte, porque o feio é para quem faz”.

Era uma frase do Souza Naves. Era um homem terno, agradável, um homem que cumpria as suas obrigações por inteiro, com honestidade, com integridade, com respeito ao adversário, sem xenofobia. Apoiou todas as teses nacionalistas mas sem xenofobia ao capital estrangeiro.

Apoiou as reivindicações dos trabalhadores, principalmente aquela luta pelo salário mínimo em 1957, mas sem radicalização ideológica.

Era um homem que estava adiante do seu tempo, era um homem com uma visão notável de interesse público e se ele tivesse vivido mais, o Paraná teria sido melhor, o Brasil não teria sofrido tantas agruras e a nossa luta para obter e haveremos de obter a emancipação econômica desse país, a justiça social para o povo brasileiro e haveremos sim, companheiros, como digo sempre e disse no título do meu livro, tornar o Brasil aí no início dos alvares, nos primeiros anos desse século XXI, tornar o Brasil realmente uma potência mundial.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Caíto Quintana)

Esta Presidência quer agradecer a presença de V. Exa. nesta Casa, registrar o profundo carinho e reconhecimento que o Paraná como um todo, suprapartidaria-

mente tem por V. Exa. registrar essa memória prodigiosa que V. Exa. tem sobre os fatos políticos do nosso Estado do Paraná, e dizer que para esta Assembléia Legislativa composta por Deputados, alguns vindos de outros Estados, outros jovens ainda que não conheceram o passado da formação política do nosso Estado, é uma verdadeira aula de civismo, de paranismo, cada vez que ouvimos V. Exa. se pronunciar. Essa Mesa é plenamente solidária e todos os Deputados desta Casa, a referência da imagem de um político, da grandeza de Souza Naves, do seu sobrinho e de tantos outros que compuseram esse tempo de resistência e principalmente, de V. Exa. que junto com o falecimento de Souza Naves, teve também o seu caminho político em determinado momento, afastado do rumo que, seguramente, atingiria.

Obrigado pela presença.

Parabéns a V. Exa..

Esta Presidência declara encerrada a presente sessão e comunica aos Senhores Deputados a realização de Sessão Extraordinária para logo após o encerramento desta.

Encerrada a sessão.